

Gil Santos

REPORTAGEM

gilvan.santos@redabahia.com.br

Faz quatro anos que o músico Josuel Kireymbab, 34 anos, deixou o povo Tupinambá de Olivença, em Ilhéus, e mudou para Salvador. Ele mora em Colinas de Periperi e é um dos 229 mil indígenas identificados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) na Bahia. O número de pessoas autodeclaradas quase quadruplicou no estado, que tem a segunda maior população do Brasil. E Salvador é a segunda capital em números absolutos de indígenas.

Ontem, o IBGE apresentou os primeiros dados sobre a população indígena coletados durante o censo demográfico de 2022. O principal destaque foi para o crescimento na quantidade de autodeclarações. Em 2010, cerca de 60.120 pessoas disseram ser indígenas. Agora, são 229.103. O estado saiu da quarta posição, naquele último censo antes do atual e ultrapassou Mato Grosso do Sul e Pernambuco.

A supervisora de Disseminação de Informações do IBGE na Bahia, Mariana Viveiros, listou alguns fatores responsáveis por esse crescimento. O primeiro está relacionado com a ampliação na pesquisa. Antes de mandar os recenseadores para as ruas, o IBGE procurou instituições e lideranças indígenas e mapeou áreas da Bahia em que há ocupação de povos tradicionais ou indícios de que eles viveram naquele local.

“Quando os moradores dessas regiões respondiam à pergunta sobre cor ou raça e não se identificavam como indígena, abria uma pergunta de cobertura. ‘Você se considera indígena?’. Isso foi muito importante, porque percebemos que faltava uma compreensão das pessoas em relação à etnia. No total, 63% das que se autodeclararam indígenas fizeram isso apenas ao ouvir a pergunta de cobertura. Em Salvador, foi 80%”.

O segundo fator levantado pela supervisora foi a decisão de fazer um treinamento extra para os recenseadores que atuaram nessas comunidades e a parceria com instituições e lideranças locais, o que facilitou a aproximação com os grupos indígenas. O terceiro, foi o aumento demográfico. Os dados sobre as taxas de natalidade e fecundidade ainda não foram divulgados, mas é sabido que a população cresceu dentro e fora das terras demarcadas.

O quarto ponto é o aumento da oferta de políticas públicas voltadas para a população indígena, tais como cotas em concursos, vagas em universidades e programas assistenciais, o que pode ter estimulado as pessoas a se autodeclararem.

A titular da Secretaria da



População indígena quadruplica na Bahia

Censo do IBGE Estado tem a segunda maior população autodeclarada do país

Igualdade Racial e dos Povos e Comunidades Tradicionais (Sepromi), Ângela Guimarães, destacou que a identificação dessa população é indispensável para pensar as ações do Estado. “Nós temos o histórico no Brasil de desqualificar os segmentos historicamente racializados, como a população negra e os povos indígenas. São populações vítimas de um massacre e a não afirmação da sua identidade ocorre por conta do racismo, desmerecimento e inferiorização. Por isso, a metodologia de fazer a segunda pergunta foi importante. É uma mudança cultural estimulada também pelas políticas públicas”, disse.

Ela frisou que o acesso a pautas identitárias como, por exemplo, as cotas para população indígena nas universidades e concursos públicos exigem critérios de análise e verificação que vão além da autodeclaração, mas considerou o aumento no reconhecimento um avanço. “No caso dos povos indígenas e quilombolas, são as próprias comunidades que atestam esse pertencimento, porque é uma questão etnocultural”.

OS NÚMEROS

O aumento de 281,08% na população indígena baiana colocou o estado como o segundo com o maior contingente autodeclarado indíge-

na do país, tanto em números absolutos como em taxas de crescimento, atrás do Amazonas (490 mil ou 17 vezes mais que em 2010). Os recenseadores encontraram ao menos um indígena em 411 dos 417 municípios baianos.

Em Salvador, os números também quase quadruplicaram. A cidade saiu de 7.563 indígenas autodeclarados, em 2010, para 27.740, em 2022, ou seja, aumento de 266,79%. Foi a 2ª capital e o 4º município com maior população do país.

Na Bahia, depois de Salvador, Porto Seguro (17.771 pessoas) e Ilhéus (12.974) lideram a lista em números absolutos. Em termos proporcionais são os municípios de Pau Brasil (34,54%), Banzaê (25,52%) e Rodelas (24,80%).

PARCERIA

Em 150 anos e depois de 12 edições do censo demográfico, essa foi a primeira vez que o IBGE procurou previamente instituições e lideranças indígenas para auxiliar no processo de coleta dos dados.

Especialistas explicaram que não há um dado preciso de quantos indígenas viviam na Bahia na época em que os portugueses desembarcaram por aqui, mas as estimativas apontam para 1 milhão apenas no entorno da Baía de Todos-os-Santos.

O antropólogo e professor da Universidade do Estado da Bahia (Uneb) José Augusto Sampaio é presidente da Associação Nacional de Ação

Indigenista (Anai) e explicou que o censo confirmou as pesquisas que já apontavam para o crescimento da população indígena no Brasil. Ele frisou, ainda, que houve um processo de perdas, mas que a balança inverteu nas últimas décadas. “De meados do século XX pra cá, a população indígena só tem aumentado. Se em 1500 havia de 5 a 10 milhões no Brasil, e hoje há 1,6 milhão, em 1950 eram apenas 200 mil. Então, teve uma perda grande dessa população, mas os últimos 70 anos tem sido de crescimento constante. A Bahia é um estado indígena, mas que historicamente sempre teve essa identidade oculta por diversas razões”, afirmou.

Desde o último censo até 2022 foram delimitados mais quatro territórios indígenas na Bahia, agora são 21 terras, mas o crescimento populacional dentro desses locais foi de 2,34%, o menor do país. Além disso, apenas 7,51% dos autodeclarados estão vivendo nesses espaços.

Segundo o IBGE, o percentual baixo ocorreu porque o crescimento nas autodeclarações feitas fora dos territórios disparou. O censo mostrou que as maiores populações estão concentradas nas terras de Barra Velha (3.448 indígenas), Caramuru/Paraguassu (3.022), ambas no Sul do estado, e Kiriri (2.539), no Nordeste baiano.

Nesta segunda-feira, durante a apresentação dos dados no Instituto Anísio Teixeira (IAT), em São Marcos,

compareceram representantes dos povos Tupinambá, Pataxó, Kaibé e Tuxá, entre outros. Muitos foram vestidos a caráter e fizeram apresentações. O músico Josuel Kireymbab, citado no começo da reportagem, pintou o corpo e usou as vestes do povo Tupinambá. “O aumento da autodeclaração é muito importante, porque fortalece e une forças. A alma sabe o que ela é. Então, quando a pessoa se identifica com a cultura indígena, não é uma coisa inventada, porque quem não é não se sente bem em assumir essa identidade. Nossa etnia e nossa cultura é o que nos mantém com os pés no chão”, afirmou.

DADOS NACIONAIS

Em todo o Brasil, são 1,69 milhão de autodeclarados indígenas, conforme o Censo 2022. Para o antropólogo Ricardo Ventura Santos, nas últimas três décadas, o levantamento tem apresentado um aprimoramento em sua coleta e análise das informações.

Os dados do Censo de 2022 mostram que a população indígena no Brasil cresceu 89% em relação ao censo de 2010. A parcela de indígenas no total de habitantes no país passou de 0,47% para 0,83%.

“Esse crescimento não é unicamente demográfico. Há também um aumento relacionado a aspectos metodológicos e também a diferenças em relação ao autorreconhecimento. Possivelmente mais pessoas se reconheceram como indígenas em 2022”, afirma Santos. “Houve um aperfeiçoamento muito importante da coleta dos dados indígenas nos censos ao longo dessas décadas e precisaremos nos debruçar sobre os dados para compreender os fatores envolvidos nas mudanças demográficas”, acrescenta.

Segundo o IBGE, o primeiro censo foi realizado em 1872. Nesses mais de 150 anos, foi somente muito recentemente que se passou a coletar, de forma mais sistemática e contínua, dados acerca da população indígena. Desde 1991, o questionário passou a incluir de forma permanente a opção “indígena” no quesito cor/raça.

O antropólogo Ricardo Ventura Santos, que é pesquisador da Fiocruz, explica que o Brasil é um dos países do continente americano com menor proporção de indígenas na população e que isso tem relação com a coleta de dados censitários feitas até então. A partir de 1991, segundo ele, se passa a ter uma visualização melhor do tamanho dessa população.

“É o quarto censo consecutivo que incluí a categoria indígena no quesito cor ou raça. O que se observa, ao longo do tempo, é um aumento muito expressivo da população indígena ao longo dos censos, tendo ultrapassado 1 milhão neste último recenseamento”, destaca.

SEIS LIDERANÇAS INDÍGENAS PARA SEGUIR NAS REDES SOCIAIS:

Ailton Krenak (@ailtonkrenak)

Ele é um líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor brasileiro da etnia crenaque, em Minas Gerais. Ele tem reconhecimento internacional e é considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro;

Maria Gomez (@cunhaporanga_oficial)

Ela é mais conhecida como Cunhaporanga nas plataformas e se define como “amante da natureza”. De etnia Tatujo, no Amazonas, ela usa o espaço para mostrar pintura e compartilhar a vida;

Alice Pataxó (@alice_pataxo)

Ela foi indicada à premiação de ‘100 mulheres mais inspiradoras e influentes do mundo em 2022’ pela BBC. Baiana, Alice ganhou projeção nacional e internacional ao participar da COP26 em Glasgow, onde foi porta-voz da defesa do meio ambiente e dos direitos indígenas;

Katu Mirim (@katumirim)

É uma rapper, cantora, compositora, atriz e ativista da causa indígena. Da etnia Boe Bororo, em São Paulo, ela ganhou notoriedade na internet quando publicou um vídeo levantando a hashtag “#indioanaofantasia. Nas letras, ela aborda a colonização sob o olhar do indígena;

Tukumã Pataxó (@tuku_ma_pataxo)

Baiano de Coroa Vermelha, em Porto Seguro, ele é humorista, chef de cozinha, comunicador e palestrante. Tukumã Pataxó usa as redes sociais para disseminar a cultura indígena, fazer uma releitura da história e apontar questões relacionadas com a causa;

Sonia Guajajara (@guajajarasonia)

Atual ministra dos Povos Indígenas, ela é reconhecida internacionalmente na luta pelos direitos dos povos originários e foi eleita uma das 100 pessoas mais influentes de 2022 pela revista TIME. É indígena do Povo Guajajara/Tentehar, no Maranhão

229.103

pessoas se autodeclararam indígenas na Bahia no Censo

27.740

indígenas se autodeclararam em Salvador

21

Terras indígenas estão delimitadas na Bahia

Violência contra os povos originários é desafio para o Estado

Especialistas acreditam que o crescimento da população indígena na Bahia vai exigir do estado novas demandas, como o enfrentamento da violência praticada contra esses povos. No mês passado, o pataxó Dênis Kawhã Santos da Cruz, 16 anos, foi encontrado morto com sinais de espancamento em uma praia em Santa Cruz Cabralia. Ele foi retirado de uma festa e assassinado. A polícia suspeita de rixa entre bairros.

Em abril, o pataxó-hã-hã-hã Daniel de Sousa Santos, 17 anos, foi morto dentro de uma área de reserva, em Pau Brasil. O caso está sendo investigado. Em janeiro, os pataxós Samuel Cristiano do Amor Divino, 21, e Nauí Brito de Jesus, 16, foram mortos a tiros no km 787, quando estavam a caminho de uma das fazendas ocupadas por um grupo indígena no processo de retomada de territórios pelos povos Pataxó, em Itabela.

Em setembro de 2022, o pataxó Gustavo Silva da Conceição, 14, foi assassinado com um tiro na cabeça após ataque de pistoleiros a uma aldeia no território indígena Comexatiba, em Prado. Segundo testemunhas, pelo menos cinco homens armados com armas de calibre 12 e 32; além de fuzil ponto 40 e bomba de gás lacrimogêneo invadiram a terra Pataxó. Outro adolescente foi atingido com dois tiros, um no braço e outro de raspão.

O coordenador de Políticas para os Povos Indígenas da Sepromi, Jerry Matalawê, é integrante do povo Pataxó, em Santa Cruz Cabralia, e trabalhou junto com o IBGE no contato com as comunidades para facilitar a inserção dos censitários. Ele acredita que o aumento da autodeclaração pode ter efeito sobre a violência. “Na grande maioria, as pessoas que têm conflitos com os povos indígenas não é conflito étnico, é conflito econômico. Existe o interesse em negar a existências das pessoas indígenas para que elas não tenham direitos. Cada vez que temos mais pessoas se autodeclarando e apoiando as causas indígenas, teremos menos conflitos e mais posicionamentos contrários ao extermínio desses povos”, afirma.

ATAQUES NO PAÍS

O Conselho Nacional de Direitos Humanos denunciou ontem ataques a tiros sofridos por indígenas no Pará, às vésperas da realização da Cúpula da Amazônia. Em nota, o órgão explicou que as vítimas eram da etnia tembé e moravam na comunidade Turé Mariquita, na cidade paraense de Tomé Açú.

A Cúpula da Amazônia é estratégica para o governo brasileiro, mas os ataques no Pará podem prejudicar as tentativas diplomáticas.

O Conselho Nacional de Direitos Humanos revelou que os atentados ocorreram quando uma missão emergencial coordenada pelo CNDH se dirigia para o município com o objetivo de apurar denúncias de graves violações a direitos humanos”. De acordo com a nota do órgão, o ataque atingiu três pessoas, sendo duas mulheres jovens e um rapaz de 23 anos chamado Felipe Tembê. “Mesmo ferido com tiros nas costas, ele foi levado à delegacia por policiais e segue preso”, afirmou o CNDH no texto. Ontem, moradores da comunidade Turé Mariquita fizeram protesto na porta da delegacia para exigir a soltura do indígena preso e cuidados médicos para ele.

“A comunidade indígena, que esperava a missão de direitos humanos, informou aos conselheiros que acredita que os tiros sejam responsabilidade de pessoas ligadas a uma empresa multinacional que produz azeite de dendê na região”, diz o texto do CNDH.

Nos últimos meses, a comunidade internacional e os brasileiros assistiram estarrecidos às cenas de crise humanitária nos territórios Yanomami, na Amazônia, onde garimpos ilegais invadem as terras indígenas e deixam as populações originárias à mercê de doenças e da fome.

GLOSSÁRIO

● Indígena

Para designar o indivíduo, prefira usar o termo indígena a índio. Indígena significa “originário, aquele que está ali antes dos outros” e valoriza a diversidade de cada povo;

● Aldeia

É a unidade política característica dos povos indígenas, refletindo sua forma de organização social e mantendo uma dinâmica que é própria de cada comunidade;

● Etnia ou povo

Para grupos de indígenas. Recomenda-se também o uso dos termos aldeia, terra ou território indígena, em vez de tribo;

● Cacique ou pajé

Os dois estão ligados às tradições indígenas, mas com significados diferentes. Enquanto o cacique tem uma função mais ligada à organização e comando da aldeia, o pajé é considerado um sacerdote religioso;

● Oguassu, maioica ou maloca

(casa grande) Cada maloca é dividida internamente em espaços menores, de mais ou menos 36 metros quadrados, onde reside uma família. Esse pequeno espaço recebe o nome de oca

Indígenas baianos acompanharam a divulgação do Censo 2022 pelo IBGE na sede do Instituto Anísio Teixeira